

A MULHER COMO TEMA NAS DISCIPLINAS DA USP*

Eva Alterman Blay

do Depto. de Sociologia/USP e do NEMGE

Rosana R. da Conceição

do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações
Sociais do Gênero — NEMGE

RESUMO

Um levantamento das disciplinas lecionadas em todas as unidades da Universidade de São Paulo — USP (na capital), até 1989, permitiu identificar aquelas que abordam questões de gênero ou relativas à mulher, nas áreas das ciências humanas e biológicas. Além de constatar a predominância do interesse por tais questões nos cursos em nível de pós-graduação, relativamente aos de graduação, o artigo analisa os enfoques dados à questão nas diferentes unidades da USP, salientando que, à escassa incorporação dos estudos sobre a mulher na universidade, contrapõem-se algumas áreas que adotam uma perspectiva inovadora e crítica, demonstrando a insuficiência dos estudos "que ignoram a metade da população".

ABSTRACT

The exam of the courses and disciplines taught at the University of São Paulo — USP (at the State capital) until 1989 lead to the identification of those approaching gender relations or concerning women's studies only in the areas of biological and human sciences. A neat interest on these subjects prevails in post-graduation rather than among under-graduates. The analysis refers to the different approaches adopted by the departments or institutes concerned, stressing the scarce incorporation of women's studies, but highlights some areas wich adopt an innovative and critical perspective, showing the inadequacy of studies that "ignore half of the population".

* Artigo extraído da pesquisa *Mulher, Ciência e Sociedade*, realizada pelo NEMGE com apoio financeiro do CNPq.

Em recente análise da presença feminina no Concurso Cientistas de Amanhã, destinado a jovens estudantes, constata Ormastroni (1988) que apenas 18,6% eram mulheres. Qual a razão desta baixa participação, pergunta ela. Observou que, das premiadas, 75% freqüentavam cursos superiores, sendo as demais ainda muito jovens para fazê-lo.

A questão subjacente à análise de Ormastroni é: a criatividade está relacionada com a condição de gênero?

Estudo de Azevedo et al. (1989) sobre a mulher na universidade brasileira — incluindo publicações, bolsas e financiamentos à pesquisa — constata que as mulheres respondem por cerca de 30% da produção acadêmica; são 30,5% dos que têm bolsas de pesquisa a autoras de 30% dos artigos publicados. Esta percentagem cresce para 37% quando se analisam as mestrandas e mais ainda, no caso dos doutoramentos no exterior, quando mulheres constituem 43%.

Analisando a produção de trabalhos publicados por docentes da Universidade de São Paulo — USP¹, Wolyne e Pasquarelli (1988) constatam que, nas áreas das Ciências Humanas, Exatas e Tecnológicas, não há diferenças entre os sexos. Nas Ciências Biológicas as mulheres entraram para a docência apenas nos últimos dez anos e, a partir de então, a produção se equilibra entre os sexos. Constatam que este padrão igualitário de produção, na maior universidade brasileira, distingue-se do observado nos Estados Unidos, onde a produção acadêmica masculina é maior do que a feminina.

Os dados de Wolyne e Pasquarelli permitem afirmar que não há diferenças na criatividade científica entre os sexos na USP.

Comparando-se essas duas pesquisas brasileiras, concluímos que a produção acadêmica observada na Universidade de São Paulo é igualitária com relação aos sexos enquanto, a nível nacional, o padrão é diferenciado em detrimento da mulher. Por outro lado, observamos que a acadêmica brasileira e a norte-americana têm níveis semelhantes de produção, mas na USP este padrão é mais alto.

Analisando a composição do corpo discente brasileiro, Rosemberg et al. (1985) e Silva et al. (1987) mostraram um padrão de divisão sexual entre as carreiras universitárias. Dados por nós pesquisados confirmaram uma divisão sexual entre as carreiras: Letras, Pedagogia, Enfermagem, Odontologia, Psicologia são predominantemente femininas; é recente a elevação do número de formandas em Medicina, Direito, alguns ramos da Engenharia, Filosofia, Geologia, cursos ainda predominantemente masculinos (Blay, 1990).

O que estaria na origem das diferenciações ou da igualdade entre os sexos, no âmbito da universidade?

A resposta a esta questão deve ser buscada dentro e fora da universidade. Aqui procuraremos analisar como a universidade, através das disciplinas que ministra, focaliza a mulher. Nosso universo será a USP.

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

A chamada "questão da mulher" é tema recorrente (Bernardes, 1989; Lang, 1989) na sociedade brasileira, a qual viu reviver nos últimos 20 anos um forte movimento femi-

nista, como aliás ocorreu no resto do mundo. O diagnóstico de que a mulher ocupava uma posição social subalterna e que havia desigualdade entre os gêneros foi o resultado da avaliação feita por inúmeros movimentos sociais que se organizaram entre mulheres de diferentes condições sócio-econômicas. Acadêmicas, sindicalistas, donas de casa, mulheres ligadas às igrejas, a partidos políticos, a grupos negros e feministas passaram a denunciar a discriminação através dos meios de comunicação de massa, provocando debates na televisão, rádio, jornais, ou ocupando as ruas.

O tema das desigualdades e relações de subordinação entre os gêneros introduziu-se no debate social com consequência daqueles movimentos sociais. A constatação da discriminação salarial e a desigualdade na legislação dos direitos civis foram os primeiros problemas denunciados; seguiram-se questões relativas à saúde, aborto, sexualidade e violência. À medida que os problemas eram diagnosticados, foram sendo propostas soluções em diferentes níveis: nas negociações feitas pelos sindicatos, nas propostas à Constituição, em projetos de políticas de saúde, educação sexual e criação de mecanismos estatais para coibir a violência, como as delegacias da mulher.

A sociedade foi forçada a refletir sobre os problemas apontados e induzida a incorporar soluções. A universidade, neste contexto, como parte integrante da sociedade, não pode ter ignorado o conjunto de demandas sociais. Muitas vezes as investigações acadêmicas estão mais avançadas do que a sociedade requer, e a universidade tem um papel de proa. Outras vezes a universidade não responde ao que se passa na sociedade, pois ela tem seu próprio ritmo.

A dialética entre a ciência e a sociedade deve ser analisada em juízos de valor; cabe apenas avaliar a interação que se estabelece e que direção ela toma. Neste caso, qual foi a relação que se estabeleceu entre as grandes mudanças sociais observadas ao nível da sociedade quanto à condição feminina e a universidade?

A mulher na universidade

A mulher começa tardiamente a freqüentar a universidade no Brasil: no fim do século XIX, na área da medicina. D. Pedro II fez aprovar, em 19 de abril de 1879, uma lei permitindo à mulher freqüentar curso superior, pois observou que a bolsa que concedera em 1876 a Maria Augusta Generosa Estrela para estudar medicina em Nova York não lhe permitira exercer a profissão quando retornara, formada, ao Brasil. Rita Lobato Velho Lopes foi a primeira mulher a se formar em Medicina no Brasil em 1887, pela Faculdade de Medicina da Bahia, e a clinicar por mais de 40 anos no Rio Grande do Sul, onde também foi vereadora na Câmara Municipal de Rio Pardo (Paula, 1988).

A Universidade de São Paulo, criada em 1934, veio reunir escolas fundadas no século XIX e começo do XX. Analisando seus arquivos, vimos que a primeira acadêmica da Faculdade de Direito formou-se em 1902 e só em 1911

1 Em 30/4/88 havia 1.503.560 estudantes matriculados e 125.591 professores lecionando no 3.º Grau no Brasil, incluindo as redes pública e privada (IBGE). Na USP havia 51.736 estudantes e 5.409 docentes (USP).

diplomou-se a segunda. As primeiras mulheres se diplomaram em Medicina em 1918 e, na Escola Politécnica, a primeira engenheira é de 1928. Estas carreiras "tradicionais", excetuando-se a engenharia, só começam a mudar o perfil nos anos 40 ou mais tarde ainda. Das três escolas, a que mais se aproxima hoje de uma composição igualitária por sexo é a Faculdade de Direito, mas nem aí a presença feminina alcança a proporção de 50%. Na Faculdade de Medicina, só nos anos 80, um pouco mais de 1/3 dos formandos são mulheres. Na Escola Politécnica a proporção atinge, no máximo, 15% em alguns cursos como Engenharia Civil, Eletrônica, Produção e Química.

Alguns cursos implantados desde a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na USP, em 1934, têm igual número de homens e mulheres: é o caso de Filosofia e Ciências Sociais, que mantêm este perfil até hoje. Os cursos de História e Geografia começam com proporção igualitária e, a partir dos anos 60, tornam-se mais femininos. Os cursos de Letras são femininos. Química e Física têm uma trajetória variada. Química ora forma mais homens ora mais mulheres. Física, que começa de forma igualitária, vai se tornando mais masculino (Blay, 1990).

Em outro trabalho (Blay, 1978) foi mostrada a correlação entre as condições de absorção e concorrência no mercado de trabalho e a procura de determinados cursos universitários por parte de homens ou mulheres. A Química é mais procurada por homens em períodos de alta remuneração. Quando esta cai, eles tendem a abandoná-la e, ao reduzir-se a concorrência, eleva-se a proporção de mulheres.

A universidade é um fator influente na elaboração da imagem de gênero. Silva et al. (1987) lembram as teorias do século XIX, defendidas por médicos americanos e europeus, que afirmavam que dos 12 aos 20 anos não se deveria estimular o cérebro feminino sob pena de prejudicar a formação do aparelho genital e reprodutor da mulher. Concluem as pesquisadoras que há uma "culpabilidade entre ciência e opressão". É, pois, preciso avaliar a imagem e os valores subjacentes às atuais teorias científicas sobre a condição de gênero.

AS DISCIPLINAS MINISTRADAS NA USP

O Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE) realizou, em 1989, pesquisa com o objetivo de fazer um levantamento sistemático de todas as disciplinas registradas na USP (graduação e pós-graduação), que tivessem como enfoque o tema mulher.²

Foram arroladas todas as Escolas, Faculdades e Institutos³ e, através dos catálogos *Cursos de Pós-graduação* (1987) e *Catálogos dos Cursos de Graduação* (1988 e 1989), destacamos os programas relacionados à mulher. Esta triagem inicial conduziu a pesquisa para nove das 21 unidades existentes: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Faculdade de Economia e Administração, Faculdade de Direito, Escola de Comunicação e Artes, Faculdade de Medicina, Faculdade de Saúde Pública, Escola de Enfermagem, Instituto de Psicologia e Instituto de Biociências.

Após este primeiro levantamento, optou-se por uma verificação, junto às secretarias de curso (graduação e

pós-graduação), das unidades previamente selecionadas, com o intento de que nenhuma disciplina que porventura estivesse fora do catálogo ficasse à margem da pesquisa. Completamos o levantamento entrevistando os docentes responsáveis.

As disciplinas, à medida que iam sendo identificadas, eram classificadas em três categorias: a primeira refere-se às disciplinas *específicas* sobre a mulher, ou seja, aquelas que têm todo o seu programa dedicado a esta questão. A segunda categoria reúne as disciplinas que tratam *parcialmente* do tema mulher. Nesta, observou-se ser necessário uma subdivisão em *diretamente* e *comparativamente*. Isto porque, embora o tema mulher seja focado em apenas alguns tópicos do programa, ainda assim, é possível fazer distinção entre aquelas que se dedicam plenamente ao estudo de questões referentes à mulher e aquelas que se limitam a compará-la ao homem, à criança, à família etc.

E, por último, aglutinam-se as disciplinas que abordam *circunstancialmente* o tema mulher. Nesta categoria, o tema aparece esporadicamente, dependendo do interesse dos estudantes aos quais a disciplina é ministrada, sendo incluído em seminários ou trabalhos acadêmicos, dentro de um amplo leque de temas (ver exemplos da categorização das disciplinas no Quadro 1, anexo).

Analisando o quadro das disciplinas registradas sobre o tema mulher, na USP, observa-se que elas perfazem um total de 104 (Tabela 1). Destas, 58% são em nível de pós-graduação e 42% de graduação. Estes números permitem afirmar que, iniciando-se na graduação, o interesse sobre o tema expande-se na pós-graduação. Importante salientar que, enquanto na graduação 11% das disciplinas dedicam-se especificamente ao tema, na pós-graduação, essa percentagem aumenta para 46%. Observa-se ainda que, no conjunto, apenas 1/3 das disciplinas são específicas sobre o tema mulher.

TABELA 1

Número de disciplinas ministradas sobre o tema mulher na USP até 1989, segundo a abordagem e o nível (graduação e pós-graduação)			
ABORDAGEM	GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL
Específica	5	28	33
Parcial	Direta	20	45
	Comparativa	11	21
Circunstancial	4	1	5
Total	44	60	104

2 No Brasil não se instalaram, como em várias universidades européias, norte-americanas e canadenses, os *Women Studies*, programas que se articulam a cursos mais amplos e que são especificamente voltados para a análise da condição de gênero.

3 Nos campi do interior, foi solicitada às secretarias de curso, através da Pró-reitoria de pós-graduação, a relação das disciplinas que abordassem o tema.

TABELA 2

Número de disciplinas ministradas sobre o tema mulher na USP, segundo a abordagem, área e nível (graduação e pós-graduação)

ABORDAGEM	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS			HUMANIDADES		
	GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL	GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL
Específica	4	16	20	1	12	13
Parcial	Direita	9	10	16	10	26
	Comparativa	8	7	15	2	6
Circunstancial	—	1	1	4	—	4
Total	21	34	55	23	26	49

Se considerarmos as disciplinas a partir das áreas do conhecimento — Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Humanidades —, vemos que 47% pertencem à área de Humanidades e 53% concentram-se nas Biológicas; na área de Exatas, nenhuma disciplina aborda o tema (Tabela 2).

Comparando as duas áreas do conhecimento, conclui-se que o enfoque específico às questões da mulher em nível de graduação é reduzido. Nas Ciências Biológicas, apenas 7% das disciplinas dedicam especificamente seu programa à mulher e, nas Humanidades, esse percentual se reduz a 2%.

Na pós-graduação, o interesse específico pela mulher aumenta: nas Ciências Biológicas corresponde a quase 30% e, nas Humanidades, a aproximadamente 25% das disciplinas consideradas.

NAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Das onze unidades que compõem a área de Ciências Biológicas na USP (capital), cinco apresentam disciplinas com enfoque à mulher. São elas: Faculdade de Medicina, Faculdade de Saúde Pública, Escola de Enfermagem, Instituto de Psicologia e o Instituto de Biociências, ministrando 55 disciplinas no total.⁴ Destas, 21 são em nível de graduação e 34 de pós-graduação, equivalendo respectivamente a 38% e 62% do total identificado (Tabela 2).

Das 55 disciplinas, as específicas sobre a mulher representam um pouco mais de 1/3 (36%), sendo 20% em nível de graduação e 80% na pós-graduação, sugerindo, na pós-graduação, um grande interesse pelo tema. Entretanto, essa disparidade entre graduação e pós-graduação é atenuada se considerarmos as disciplinas que enfocam parcialmente a mulher, seja direta ou comparativamente.

Avaliando-se as disciplinas da Faculdade de Medicina, observa-se que a temática relativa à mulher se concentra nas áreas de ginecologia e obstetrícia. Duas orientações são observadas: uma, mais tradicional, predominante, que focaliza mecanicamente a mulher como aparelho reprodutor, dividindo seu corpo em parcelas estanques, estudadas de forma especializada, porém desligadas da pes-

TABELA 3

Número de disciplinas abordando o tema mulher na área de Ciências Biológicas, segundo a unidade e o nível (graduação e pós-graduação)

UNIDADES	GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL
Faculdade de Medicina	4	12	16
Faculdade de Saúde Pública	1	6	7
Escola de Enfermagem	5	6	11
Instituto de Psicologia	10	6	16
Instituto de Biociências	1	4	5
Total	21	34	55

soa como um conjunto complexo em que condições físicas podem estar correlacionadas com fatores sociais, econômicos, políticos e psicológicos. Os programas curriculares não incorporam a discussão de problemas que se situam na fronteira entre o corpo e os valores sociais, como por exemplo o aborto, embora as disciplinas estudem a reprodução humana.

Uma tendência inovadora e crítica começa a se manifestar. Entrevistas revelaram a preocupação, por exemplo, com a desnecessária prática de vulvectomias como forma de prevenção do câncer, sem se levar em conta a correlação entre estas formas de mutilação — muitas vezes evitáveis — e sua conseqüência sobre a sexualidade feminina. Foram também relatados e observados procedimentos de descaso com parturientes pobres, cujo sofrimento na hora do parto poderia ser abreviado. Razões éticas, preconceitos ou simples desconhecimento agravam situações a que as mulheres são submetidas.

4 As seis unidades da área de ciências biológicas que não tratam da questão mulher são: Escola de Educação Física, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Faculdade de Odontologia, Instituto de Ciências Biomédicas e Instituto Oceanográfico.

Neste conjunto marcadamente tradicional, novas orientações a respeito da mulher começam a surgir.

Diferentemente do que ocorre na Faculdade de Medicina, onde, em geral, a mulher é estudada de maneira fragmentada, na Faculdade de Saúde Pública há uma preocupação de que ela seja compreendida em seu contexto social, observando aspectos mais gerais ligados a sua saúde. Por exemplo, há disciplinas que analisam as relações existentes entre as causas da mortalidade materna e a idade em que esse fato é mais freqüente; outras enfocam o planejamento familiar, inserido nas políticas natalistas ou antinatalistas, que visam o controle da natalidade, em detrimento da própria opção da mulher de ter ou não filhos, quantos e quando quiser. A gravidez na adolescência é estudada do ponto de vista físico (gestação e parto), associada às repercussões psicofisiológicas e aos riscos de saúde que correm o feto e a mulher numa gestação prematura. Estuda-se a nutrição da mulher como um processo desenvolvido desde a infância e não somente durante a gestação — cuidados alimentares prévios diminuiriam, na gravidez, o risco de infecções, desnutrição e síndromes hemorrágicas, obesidade e diabetes. Outro aspecto bastante valorizado é o aleitamento materno, questão considerada de fundamental importância na transferência de resistência imunológica da mãe à criança.

As disciplinas da Faculdade de Saúde Pública tendem a focar a relação saúde e sociedade e, com freqüência, introduzem a questão de gênero.

De modo geral, observaram-se duas linhas de trabalho entre as disciplinas da Escola de Enfermagem. Uma, mais conservadora, na qual questões polêmicas, colocadas pela sociedade, não são estudadas. A questão do aborto, por exemplo, é analisada através de possíveis agravos à saúde da mulher, mas não se questionam as inadequadas condições sanitárias em que ele é realizado. Sob a égide fisiológica, há uma argumentação ideológica antiaborto.

Uma outra orientação é desenvolvida em disciplinas que adotam como metodologia o "trabalho em comunidade", onde o paciente é encarado como um ser ativo que interage com os agentes de saúde (médicos, enfermeiros etc.) e considerado como um interlocutor. Esta perspectiva pretende transformar a reação autoritária entre o profissional e o paciente, rompendo com a hierarquia, especialmente no caso da paciente mulher, maior usuária destes serviços.

As disciplinas na área da Psicologia seguem orientação temática distinta dos demais cursos da área das Biológicas. Não há disciplinas voltadas especificamente para a mulher como tema; ela é abordada de forma parcial direta, ou por comparação, predominando no nível de graduação temas como: velhice, identidade, sexualidade, maternidade, amor, comportamento e, na pós-graduação, abordagens sobre o movimento feminista, o *stress*, e o comportamento diferencial entre o homem e a mulher.

No Instituto de Biociências, as disciplinas que abordam o tema mulher tendem a focalizar problemas genéticos. A preocupação está bastante especializada em torno das questões da reprodução, planejamento familiar e aconselhamento genético. O ângulo adotado é o da reprodução humana e genética de populações. São investigados casos de má formação congênita. A partir destas análises, os estudos universitários acabam fortalecendo correntes favoráveis ao aborto, em casos de má formação do feto.

Nas Humanidades

Na área de Humanidades, há 49 disciplinas focalizando a mulher, ministradas em quatro unidades da USP (capital): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Faculdade de Economia e Administração (FEA), Faculdade de Direito e Escola de Comunicações e Artes (ECA), unidades essas que correspondem a quase 70% das Humanidades⁵.

Das 49 disciplinas registradas na área de Humanidades, 41% são ministradas pelos departamentos de Letras Clássicas e Vernáculas e de Letras Modernas, 34% pelo Departamento de História, e 25% pelo Departamento de Sociologia (Tabela 4).

TABELA 4

Número de disciplinas abordando o tema mulher na área de Humanidades, segundo a unidade e o nível

UNIDADES	GRAD.	PÓS-GRAD.	TOTAL
Fac. Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)	13	19	32
Fac. de Economia e Administração (FEA)	2	1	3
Faculdade de Direito (FD)	6	2	8
Escola de Comunicações e Artes (ECA)	2	4	6
Total	23	26	49

Nos Departamentos de Letras, focalizam-se as autoras resgatando sua produção literária; é analisada a "nova literatura de mulheres" produzida nos anos 70, que relata situações vividas pelas próprias autoras, e comparações entre elas e os movimentos sociais. Tanto na graduação como na pós-graduação, os temas preponderantes são: a literatura escrita por mulheres e a imagem da mulher na literatura.

O crescente interesse pelo tema no curso de Letras é bastante significativo; tanto que, no I Encontro Nacional da ANPOLL — Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisas em Letras e Linguística — em 1985, foi fundado o Grupo de Trabalho "A mulher na literatura", que, desde então, vem abordando em suas pesquisas escritoras de diversos países. Dentre os projetos em desenvolvimento, destaca-se a elaboração de um "Dicionário de Escritoras Brasileiras"⁶.

No Departamento de História, as disciplinas de graduação abordam temas como a sexualidade, a mulher no período medieval — analisando o papel das bruxas e fei-

5 As duas unidades dessa área em que a questão não é tratada são as Faculdades de Arquitetura e de Educação.

6 Sob a organização da professora Nelly Novaes Coelho, docente da USP.

ticeiras — e o novo papel da mulher na História. Já, na pós-graduação, são enfocados os temas da mulher no casamento, como chefe de família, na condição de mãe solteira etc.

Dentre os três departamentos do curso de Ciências Sociais — Sociologia, Antropologia e Ciência Política — salienta-se o primeiro, que abriga sete das oito disciplinas registradas; o de Ciência Política tem somente uma que, embora registrada, não é ministrada.

Estas disciplinas trabalham com teorias clássicas da Sociologia e introduzem, nos respectivos programas, conceitos recentes como o de gênero — condição socialmente determinada — que se diferencia de sexo — condição biologicamente determinada. A participação política das mulheres é também analisada, seja a partir dos movimentos sociais — que se referem à passagem da esfera do privado e à reconquista do espaço público — seja através de partidos políticos. De uma maneira geral, essas disciplinas procuram analisar a diferenciação entre os sexos, sua origem e conseqüências, incorporando ao curso questões polemizadas na sociedade como o aborto, salários diferenciados entre sexos, divisão sexual do trabalho doméstico, domiciliar e extradomiciliar, a hierarquia entre os gêneros, as formas de dominação e violência.

Este conjunto de disciplinas é marcado pela investigação empírica e pela reflexão teórica.

A ECA — Escola de Comunicação e Artes ministra 12% das 49 disciplinas da área de Humanidades, tratando o tema mulher de modo diferenciado na graduação e pós-graduação. No primeiro nível, a mulher é discutida a partir dos papéis que assume como consumidora e, numa outra vertente, como produtora e personagem de histórias em quadrinhos. Na pós-graduação, o tema é discutido a partir da identificação dos preconceitos e discriminações vivenciados pelo segmento feminino. As disciplinas resgatam a presença da mulher na produção artística brasileira, desmistificando uma falsa ausência e a suposta incapacidade de se tornar uma profissional no campo das artes. É também analisada a dupla marginalização da mulher negra que, em nossa sociedade, é caracterizada por imagens negativas que perpassam os jornais, a literatura de ficção, a literatura científica, o livro didático e a publicidade de um modo geral. Esta imagem, divulgada pelos meios de comunicação de massa, cria expectativas extremamente prejudiciais à mulher negra, reforça preconceitos, dificultando a transformação das relações sociais entre brancos e negros, entre mulheres e homens, assim como dificulta o estabelecimento de formas mais democráticas de participação.

Embora na ECA a questão de gênero seja quantitativamente reduzida, do ponto de vista qualitativo é um setor que tem realizado investigações da maior importância para recuperar a memória da atuação das mulheres na área das artes e da comunicação.

Na FEA — Faculdade de Economia e Administração, são raras as disciplinas que abordam as relações de gênero (6%), e o fazem ligadas a indicadores demográficos tais como natalidade, mortalidade, fecundidade no Brasil. Apesar de uma pequena tendência de mudança no enfoque de questões relativas à mulher, as disciplinas econômicas não abordam sistematicamente a problemática da diferenciação de salários entre sexos — questão amplamente discutida no movimento feminista — ou o papel

econômico das empresas domiciliares lideradas por mulheres, nem a divisão sexual do trabalho, a formação profissional etc.

Na Faculdade de Direito, a maior parte das disciplinas aborda circunstancialmente a questão da mulher. Seria de supor que, no Direito da Família, na Medicina Legal, no Direito Penal, temas como os direitos da mulher e da esposa, o estupro, a violência doméstica fossem aprofundados. Não é o que ocorre. Por vezes, os temas são tratados quando há interesse por parte dos alunos ou de algum professor, mas não de forma sistemática. O trabalho feminino é um dos temas mais abordados.

GÊNERO E UNIVERSIDADE

A Universidade é um segmento da sociedade onde são encontrados elementos representativos de suas várias vertentes. Se, na sociedade, a questão das relações sociais de gênero é nova e controversa, o mesmo ocorre na universidade.

Entre os docentes, são encontradas posturas ideológicas com relação à posição social da mulher e do homem na sociedade que, invariavelmente, influem sobre a "ciência" que realizam. Aqueles que não estão alertas para as discriminações de gênero não incluem a temática em seu trabalho, mesmo que ministrem disciplinas fundamentais para a compreensão da questão. Em nome de uma ciência "positiva", da "objetividade", são afastados temas de conotação ética, religiosa, controversos mas nem por isso ausentes das práticas sociais.

Temas como direitos reprodutivos, planejamento familiar, gravidez na adolescência, mortalidade materna, violência sexual, estupro, má formação genética dividem os docentes e pesquisadores, mas são de interesse da sociedade e têm provocado a criação de vários movimentos sociais demandando soluções legais ou implantação de políticas públicas, mas não encontram o proporcional eco na universidade.

Ao buscar explicação para esta lacuna, deparamos com posições ideológicas contrárias a propostas igualitárias de gênero, ou pelo menos desatentas a esta questão. Por iniciativa do corpo discente, várias disciplinas foram induzidas a introduzir a temática do gênero; ou seja, estudantes estavam sendo despertados, fora da universidade, para a questão.

O corpo discente encontra eventuais estímulos, na universidade, para estudar, em suas respectivas áreas de formação, a questão de gênero. Entretanto, ao analisarmos as teses de mestrado e doutorado defendidas na USP, observamos uma constante e crescente focalização do tema (Blay e Uehara, 1990). Este fato permite inferir que, estimulados pela própria sociedade, nova geração de bacharelados tenderá a incorporar a análise das relações de gênero. E, por conseqüência, o tema tenderá a ser incorporado pela universidade. Corroborando esta previsão estão os programas de extensão cultural, os projetos de investigação, os cursos de pós-graduação e a criação de núcleos de pesquisa interdisciplinares que complementam os cursos regulares e que abordam a condição de gênero.

A incorporação dos estudos e pesquisas sobre a mulher se faz ainda timidamente na USP e nas demais universidades brasileiras. O tema é, com muita freqüência,

ignorado pelos programas curriculares na graduação e na pós-graduação, criando uma lacuna que distorce o conjunto das análises. Por outro lado, a mulher é focalizada, muitas vezes, numa perspectiva ideológica patriarcal, ratificando valores conservadores a respeito de seu papel na sociedade, desde o mercado de trabalho, a família até a sexualidade, criando um claro descompasso entre as transformações sociais e a ótica científica. Neste segmento do saber há um claro descompasso entre a sociedade e a universidade.

Esta perspectiva foi rompida por várias áreas da universidade, que adotaram uma mentalidade inovadora no campo teórico e na pesquisa empírica sobre as relações sociais de gênero. Trouxeram para dentro da universidade um saber crítico que demonstra a insuficiência daqueles estudos que ignoram a metade da população e fazem generalizações apoiadas apenas na outra metade.

É necessário que a universidade incorpore amplamente uma nova mentalidade relativa à mulher e às relações sociais de gênero, com o quê todos teremos a ganhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, S. et al. A mulher cientista no Brasil: dados atuais sobre sua presença e contribuição. *Ciência e Cultura*. São Paulo, SBPC, 41 (3): 275-83, mar. 1989.
- BERNARDES, M. T. C. *Mulheres de ontem?* São Paulo, T. A. Queiroz, 1989.
- BLAY, E. A. *Carreiras universitárias e gênero*. São Paulo, Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero/USP, 1990.
- _____. *Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista*. São Paulo, Ática, 1978, (Série Ensaio, 35).
- BLAY, E. A. & UEHARA, M. *Teses de mestrado, doutorado e livre-docência sobre a mulher, defendidas na USP entre 1985 e 1989*. São Paulo, Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero/USP, 1990.
- FIBGE. *Anuário estatístico 1988*. Rio de Janeiro, 1989.
- LANG, A. B. *Adolfo Gordo Senador da Primeira República: representação e sociedade*. Brasília, Senado Federal, 1989.
- ORMASTRONI, M. J. S. Presença feminina no concurso cientistas de amanhã. *Ciência e Cultura*. São Paulo, SBPC, 40(11): 1.124-5, nov. 1988.
- PAULA, M. R. S. A primeira médica brasileira. *Leitura*. São Paulo, 6(71): 4-5, abr. 1988.
- ROSEMBERG, F. et al. *A educação da mulher*. São Paulo, CECF/Nobel, 1985.
- SILVA, L. M. et al. *A trajetória da mulher na Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher/UFMG, 1987.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Catálogo dos cursos de graduação*. São Paulo, 1988/89. 3v.
- _____. *Cursos de pós-graduação: catálogo geral*. São Paulo, 1987.
- WOLYNEC, E. & PASQUARELLI, M. L. R. *A produção acadêmica de cientistas do sexo masculino e feminino*. São Paulo, 1988. mimeo.

QUADRO 1

Exemplos de algumas das disciplinas pesquisadas segundo a classificação, por nível (graduação ou pós), área e unidade da USP

Disciplinas	Nível	Área/Unidade
ESPECÍFICAS		
Mulher, trabalho e participação política	GRAD.	Sociologia — FFLCH
Saúde materna	GRAD.	Biol.-Fac. Saúde Pública
A mulher fatal e o conceito de arte decadentista	PÓS	Letras — FFLCH
Produção artística da mulher inovadora	PÓS	Comunicação — ECA
Síndrome climatérica	PÓS	Biol.-Fac. Medicina
Aspectos epidemiológicos da saúde da mulher	PÓS	Biol.-Esc. Enfermagem
ABORDAGEM PARCIAL		
— DIRETA		
História do cotidiano	GRAD.	História — FFLCH
Direito da família	GRAD.	Fac. Direito
Demografia histórica: teoria e métodos	PÓS	Economia — FEA
Aconselhamento genético	PÓS	Inst. de Biociências
— COMPARATIVA		
Reprodução humana	GRAD.	Fac. Medicina
Amor: fenômeno social e existencial	GRAD.	Psicologia — IP
Sociologia demográfica	GRAD.	Sociologia — FFLCH
ABORDAGEM CIRCUNSTANCIAL		
Direito civil aplicado	GRAD.	Fac. Direito
Estudo do comportamento do consumidor	GRAD.	Comunicação — ECA
História social urbana	PÓS	História — FFLCH
Ecologia e comportamento social	PÓS	Psicologia — IP